

UMA  
LIVRARIA  
COM AROMA  
DE CANELA

LAURIE GILMORE

Laurie Gilmore

UMA  
LIVRARIA  
COM AROMA  
DE CANELA

Tradução de  
Ana Rodrigues





Primeira publicação no Reino Unido em e-book com o título THE CINNAMON BUN  
BOOK STORE

Copyright © Laurie Gilmore 2024

Tradução © Editora Intrínseca 2025, traduzido sob licença de HarperCollinsPublishers  
Ltd.

Melissa McTernan afirma o seu direito moral de ser reconhecida como a autora desta  
obra.

TÍTULO ORIGINAL

The Cinnamon Bun Book Store

COPIDESQUE

Camila Carneiro

REVISÃO

Ilana Goldfeld

ADAPTAÇÃO DE PROJETO

Juliana Brandt

DESIGN DE CAPA

Lucy Bennett/HarperCollinsPublishers Ltd

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Kelley McMorris/Shannon Associates

MAPA

© Laura Hall

E-ISBN

978-85-510-1321-2

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ

CEP 22640-904

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# SUMÁRIO

---

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa de Dream Harbor](#)

[Playlist](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

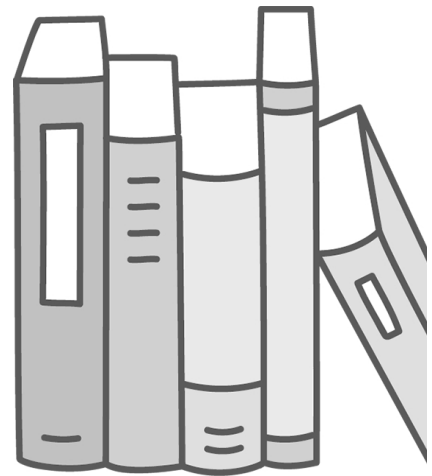
[Capítulo 30](#)

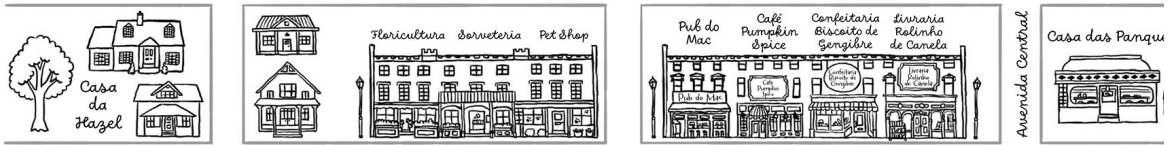
[\*Epílogo\*](#)

[\*Agradecimientos\*](#)

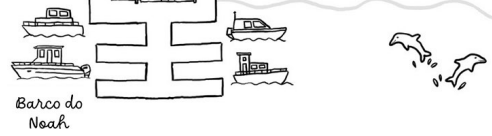
[\*Sobre a autora\*](#)

*Essa é para os meus leitores.  
Obrigada por voltarem a Dream Harbor comigo.*





# DREAM HARBOR



## *Playlist*



**'tis the damn season** - Taylor Swift  
**Scarlett** - Holly Humberstone  
**October Passed Me By** - girl in red  
**Scott Street** - Phoebe Bridgers  
**Meet Me In The Woods** - Lord Huron  
**gold rush** - Taylor Swift  
**Little Freak** - Harry Styles  
**I know it won't work** - Gracie Abrams  
**Bookstore Girl** - Charlie Burg  
**Bags** - Clairo  
**Cinnamon Girl** - Lana Del Rey  
**End of Beginning** - Djo  
**Nonsense** - Sabrina Carpenter  
**Homesick** - Noah Kahan, Sam Fender  
**Heaven** - Niall Horan  
**Fade Into You** - Mazzy Star  
**all my ghosts** - Lizzy McAlpine  
**Too Sweet** - Hozier  
**All My Love** - Noah Kahan  
**Belong Together** - Mark Ambor  
**Radio** - Lana Del Rey  
**There She Goes** - The La's

**invisible string** - Taylor Swift

## CAPÍTULO UM

---

Hazel Kelly adorava uma boa história. No entanto, não tinha uma que pudesse chamar de sua, o que ficou bem claro quando se posicionou novamente atrás do balcão da Livraria Rolinho de Canela, o mesmo lugar que ocupava havia quinze anos.

Bem, não o tempo todo. Afinal, ia para casa no fim do dia e tudo mais. Ainda assim, a sensação era a mesma. De estar parada no mesmo lugar havia quinze anos.

Hazel suspirou enquanto reorganizava as pilhas de marcadores de cortesia à sua frente. Era um dia tranquilo, claro e ensolarado, o tipo de dia em que as pessoas aproveitariam para passear ao ar livre, não para explorar as prateleiras de uma livraria. Não que Hazel compreendesse aquela escolha. Ela *sempre* preferia estar entre as prateleiras de uma livraria.

Não era como se não amasse estar ali, atrás do mesmo balcão em que estivera desde o seu primeiro turno de trabalho, no final do segundo ano do ensino médio. O problema era que nada mais em sua vida havia mudado. Era o mesmo emprego. A mesma cidade. Os mesmos amigos. Na verdade, a única coisa de diferente, além de uma leve dorzinha nas costas quando acordava de manhã, era o nome da livraria, que sua chefe mudava mais ou menos a cada dois anos.

Hazel estava literalmente cercada por histórias incríveis, por livros cheios de amor, aventura e *vida*, mas se sentia empacada.

— E, em dois meses, vou fazer trinta anos — murmurou para si mesma, já que a loja estava vazia.

Os trinta anos estavam à espreita, encarando-a de forma ameaçadora. A data, 28 de setembro, estava gravada em sua mente. Hazel acreditava que, para algumas pessoas, chegar aos trinta significava deixar para trás os dias

frenéticos e gloriosos dos vinte anos. Era a época de sossegar, se tornar uma pessoa séria, agir como adulta.

Mas o problema de Hazel com fazer trinta anos era diferente.

Ela havia se esquecido de ter dias frenéticos e gloriosos. Seus vinte anos tinham sido... calmos? Responsáveis? Tediosos. De certa forma, Hazel estava na casa dos trinta desde os quinze. Ou mais próxima dos setenta, se perguntassem a Annie, a pessoa responsável por Hazel não viver com a cabeça enfiada em um livro.

E aquilo nunca havia incomodado Hazel. Ela gostava da livraria. Gostava de xícaras de chá de camomila, de dias chuvosos e de fazer palavras cruzadas nas manhãs de domingo. Gostava dessa vida tranquila. Mas naquele momento, com a chegada dos trinta cada vez mais próxima, Hazel começara a se perguntar se havia perdido alguma coisa. Talvez tivesse se esquecido de ter algumas experiências. Talvez, por mais surpreendente que pudesse parecer, houvesse mais vida fora dos livros, uma que ela deveria ter experimentado, àquela altura.

O sol zombava dela pelas grandes janelas da frente. Hazel tinha acabado de montar uma vitrine com “sugestões para ler na praia em agosto”, mas ela mesma não conseguia se lembrar da última vez que tinha ido à praia com um livro. Sua pele ficava queimada se passasse mais de dez minutos no sol, o que talvez fosse uma pista do seu problema atual e de uma possível deficiência de vitamina D que ela provavelmente deveria investigar.

Hazel precisava de uma aventura.

E logo.

Ou pelo menos de uma boa história para contar na próxima vez que fosse ao pub do Mac para ouvir as últimas teorias de Annie sobre ele e sobre como estava tentando prejudicá-la. Ou para escutar a respeito dos planos de Jeanie e Logan de redecorar a casa da fazenda quando ela finalmente decidisse se mudar para lá. Ao menos uma vez, Hazel gostaria de chocar as amigas, e a si mesma. Ao menos uma vez, Hazel gostaria de fazer algo que ninguém estivesse esperando.

Mas não naquele momento. Porque, naquele momento, seu olhar encontrou um livro torto na seção de romance e ela precisava endireitá-lo. Afinal, aquele era o trabalho dela. Hazel foi até a prateleira, lançando uma

rápida olhada para a porta só para o caso de alguém estar passando e querer entrar, mas as ruas estavam vazias. Era uma perfeita tarde de fim de verão, e parecia que todos em Dream Harbor estavam na praia, fazendo trilha ou relaxando na piscina, aproveitando o calor antes que o tempo mudasse.

Até Annie tinha dito que o dia estava bonito demais para ficar trancada em algum lugar e havia fechado a confeitaria mais cedo para ir passear em um vinhedo com as irmãs. Hazel suspirou — tinha certeza de que ouviria tudo a respeito no dia seguinte, já que não tinha nada para contar, a não ser a emocionante história do livro torto na prateleira...

Ela balançou a cabeça. Precisava se animar. E que melhor maneira de fazer isso do que arrumando a livraria? A seção de livros de romance tinha crescido muito nos últimos anos, graças ao lobby do clube do livro e de seu amor pelo gênero. Hazel ficava vermelha só de olhar para algumas capas, mas, se era bom para os negócios, então por ela tudo bem.

O livro torto não estava apenas torto, como também no lugar errado, então ela o puxou para fora, evitando contato visual com o homem seminu na capa, e estava prestes a colocá-lo de volta no lugar certo quando percebeu que uma das páginas estava com a ponta dobrada.

— O que é isso? — murmurou para si mesma.

As pessoas não tinham respeito? Nem tinham comprado o livro e já marcavam a página? Ela quase acrescentou “Que mundo é esse?”, mas nos últimos tempos vinha tentando parar de agir como uma senhorinha, então se limitou a pensar.

Hazel abriu a página marcada e encontrou uma frase destacada com um marcador. Uma frase destacada em um de seus livros! Aquilo era inaceitável! Inacreditável! Alguém tinha simplesmente entrado ali e danificado um dos livros dela, e nem se dera ao trabalho de comprá-lo!

Hazel teria continuado a esbravejar mentalmente pelo resto do dia se a frase destacada não tivesse chamado a sua atenção.

Não era particularmente boa. Não era concisa ou profunda. Mas era como se o livro, ou quem havia destacado a frase, estivesse falando diretamente com ela.

*Se quiser uma aventura, senhorita, venha comigo.*

Hazel quase deixou o livro cair no chão.

Então, olhou ao redor, quase esperando que alguém estivesse observando a cena e rindo dela. Com certeza aquilo era uma espécie de pegadinha. Mas de quem? E quem poderia saber que era nisso que Hazel estivera pensando o dia todo?

A livraria ainda estava vazia. É claro que estava. Aquilo era só uma estranha coincidência.

Hazel voltou os olhos para a prateleira. Nenhum outro livro estava fora do lugar. Só aquele. O livro que ela continuava a segurar com firmeza. Havia um pirata na capa, a camisa aberta pelo vento marinho aparentemente forte, que também jogava o cabelo dele para trás. O título era *Cativa do amor*.

Hazel teve a estranha e repentina vontade de se enroscar em um canto e ler a história do início ao fim, mas estava no trabalho, e aquele livro parecia perigoso. O tipo de coisa que ela certamente não queria ler no trabalho.

É que aquele homem, aquele homem fictício, passava a forte impressão de que poderia de fato levá-la em uma aventura.

Hazel releu mais uma vez a frase marcada, como se isso pudesse ajudá-la a resolver o mistério de quem a destacara e deixara o livro torto na prateleira. Estava tão imersa nos próprios pensamentos que não ouviu a porta da loja ser aberta.

Até uma voz baixa ressoar juntinho ao seu ouvido:

— O que você tá lendo?

Hazel jogou o livro do outro lado da loja, e ele aterrissou com um baque no canto de leitura perto da janela. Ela se virou e viu Noah Barnett encarando-a com um sorriso.

Noah, dono/operador da única empresa de turismo de pesca de Dream Harbor. Noah, que tinha aparecido na cidade alguns anos antes, rapidamente se tornado amigo de Logan e passado a orbitar a vida de Hazel como um satélite sexy. Ela balançou a cabeça. Só porque todas as mulheres e pelo menos metade dos homens da cidade achavam Noah atraente, não significava que ela se deixaria envolver por seus encantos.

— É tão bom assim? — comentou ele, com um sorriso preguiçoso.

Caramba... o cara era charmoso. Na verdade, charmoso o bastante para que suas proezas amorosas com as turistas fossem praticamente lendárias.

Portanto, o fato de ele continuar rondando a livraria em que Hazel trabalhava ainda era um mistério para ela.

— Você me assustou.

— Isso é óbvio.

O coração de Hazel estava disparado, e apenas em parte porque ela havia sido flagrada lendo cenas picantes durante o horário de trabalho. A outra razão era porque... bem, porque Noah estava sorrindo para ela daquele jeito de novo.

Hazel não conseguia entender aquilo direito. Noah era definitivamente muito bonito, isso ela conseguia admitir. E, definitivamente, não era o tipo dela. Hazel também sabia que não era o tipo dele, ainda mais porque ela *morava* em Dream Harbor. Por isso, achava curioso que Noah estivesse sempre sorrindo para ela como se soubesse de algo que Hazel não sabia.

Annie dizia que ele estava bem a fim dela, mas Hazel achava aquilo um absurdo. Ninguém, nem mesmo seus poucos ex-namorados, tinham ficado *bem a fim dela*. Hazel era bonitinha. Sabia disso. Bonitinha como um coala cochilando em uma árvore. Não bonitinha do tipo quero-levar-você-para-cama. E tudo bem. Ela já havia se conformado com isso.

Mas Noah ainda estava encarando-a *daquele* jeito.

Hazel se virou e foi pegar o livro, mantendo a capa cuidadosamente escondida junto ao peito.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntou, ignorando o modo como Noah estava encostado casualmente no balcão, observando-a caminhar de volta.

— Hum... talvez?

— Talvez?

— É, eu só...

O olhar dele se desviou do rosto dela para as prateleiras por um segundo. Aquela era uma típica visita de Noah. Ele aparecia mais ou menos a cada duas semanas para pegar um livro, mas nunca parecia saber o que estava procurando.

Annie dizia que aquela era uma prova de que ele estava a fim de Hazel, mas ela não acreditava muito nisso. Annie também dizia que Noah

precisaria abaixar as calças no meio da loja para a amiga por fim se convencer, mas Hazel torcia muito para que aquilo não acontecesse.

— Eu só preciso de alguma coisa nova pra ler.

Ele cruzou os braços, flexionando os antebraços. O clima mais quente o fazia usar menos roupas e, no momento, todas as tatuagens de Noah estavam à mostra. Hazel sentiu o rosto enrubescer ao ver a sereia seminua enrolada no bíceps esquerdo dele.

*Aquele* era um homem com histórias para contar. Tantas que as havia marcado no corpo.

Hazel pigarreou.

— Você gostou do último livro que eu recomendei? *A Curse of Blood and Wolves*.

Noah assentiu, o cabelo ruivo cintilando na luz do fim da tarde.

— Sim, eu adorei.

— Ótimo. Acabamos de receber o segundo livro da série. Vou lá pegar.

Hazel pretendia fazer aquilo sozinha, mas Noah a seguiu pelo corredor da seção de fantasia, levando junto seu cheiro inebriante de sol e sal. Hazel nunca havia reparado no cheiro de um homem antes. Annie encararia aquilo como uma prova de que Hazel estava a fim de Noah.

O que seria uma conclusão... Boba? Sem sentido? Arriscada.

— Tá aqui.

Noah estava perto demais quando ela se virou, e Hazel quase deu de cara com o peitoral largo dele.

— Opa.

— Desculpa!

Os dois livros caíram no chão e Hazel se apressou para tentar pegá-los, mas Noah foi mais rápido e já estava com a capa do pirata seminua nas mãos antes que ela pudesse agarrá-lo de volta.

— *Cativa do amor?* — perguntou ele, com uma sobrancelha erguida.

Os dois estavam agachados no corredor, perto demais para Hazel conseguir evitar o olhar dele.

— Não é meu. Quer dizer, eu não estava lendo. Só estava colocando de volta na estante.

Noah sorriu.

— Parece bom. — Ele abriu na página que estava com a ponta dobrada, e comentou: — Achei que você não estava lendo...

— Eu... hum... bem...

O olhar de Noah encontrou a frase destacada.

— “Se quiser uma aventura, senhorita, venha comigo.”

Ah, não, aquela frase lida na voz profunda de Noah estava provocando reações estranhas nela... reações indecentes. O que estava acontecendo com ela naquele dia?! Hazel balançou a cabeça.

— Eu só estava colocando de volta na estante — repetiu, enquanto pegava o exemplar dele e se levantava antes que Noah pudesse ler mais e piorar ainda mais a situação.

— Mas alguém marcou o livro — comentou ele, se levantando e ficando bem mais alto do que ela.

Por que aquele homem tinha que ser tão grande e tão cheiroso? Noah a estava deixando desconcertada e Hazel não gostava daquilo.

— Eu sei.

— Então alguém marcou e colocou de volta na prateleira?

— Isso.

— Que estranho.

— Eu sei, e a pessoa nem devolveu o livro ao lugar certo.

Hazel passou por ele, evitando encostar naquele corpo grande e cheiroso, e voltou para a relativa segurança da frente da loja. Noah a seguiu.

— Quase como se quisessem que você o encontrasse.

Hazel parou e se virou para encará-lo. Eles quase colidiram de novo, mas Noah parou a tempo.

— Por que você acha isso?

— Não sei. Só acho que parece uma pista ou coisa parecida.

— Uma pista? — Hazel semicerrou os olhos. — Noah, você tá zoando com a minha cara?

— Zoando com a sua cara?

Ele parecia mesmo confuso, mas Hazel não acreditou.

— Você mexeu com os meus livros para fazer alguma brincadeirinha boba? Se fez isso, vai ter que pagar.

Ela gesticulou com o livro na frente de Noah, que ergueu as sobrancelhas.

— É claro que não. Eu não... faria uma coisa dessas com você. E certamente não faria uma coisa dessas com os seus livros. — Ele fez um “x” sobre o peito. — Eu juro. Palavra de pescador.

Foi a vez de Hazel levantar uma sobrancelha.

— Palavra de pescador? Acho que isso não existe.

— Bem, agora existe.

— Humm.

— Mas ainda acho que pode ser uma pista.

— Por que alguém deixaria uma pista pra mim?

Noah voltou a dar de ombros, mas um brilho de empolgação iluminou os olhos castanho-claros.

— Como um convite para uma aventura, eu acho.

Uma aventura.

Noah sorriu, o coração de Hazel acelerou. O livro em suas mãos a chamava. Talvez fosse mesmo uma pista.

No mínimo, renderia uma boa história.

## CAPÍTULO DOIS

---

Noah *estava* a fim de Hazel Kelly. Aquilo o surpreendia quase tanto quanto parecia surpreendê-la, mas era verdade. Ela não era como as outras mulheres com quem ele tinha ficado. Bastava olhar para Hazel naquele dia, por exemplo. Com a camisa de botão larga enfiada na calça de cintura alta, várias delicadas correntezinhas douradas no pescoço e um par de sapatilhas fofas, ela parecia... bem, ela parecia boa demais para ele. Inteligente e sofisticada. Isso sem falar daquela nuvem de cachos macios ao redor do rosto dela ou do jeito encantador com o qual Hazel ficava empurrando os óculos para cima, como estava fazendo naquele instante, enquanto o encarava como se ele fosse um alienígena.

É, ele estava a fim dela.

Tipo, *muito* a fim.

O que não tinha acontecido com ele desde, bem... nunca. Noah gostava de mulheres. Muito. E, pelo menos até aquele momento, sempre estivera rodeado delas. Mas nunca havia se sentido daquele jeito. O que era uma pena, porque tinha quase certeza de que Hazel não se sentia da mesma forma.

Ela sempre o olhava como se não conseguisse entendê-lo direito. Como estava fazendo naquele exato segundo. Pelo menos a sensação era recíproca. Noah não sabia o que fazer para ser mais óbvio em relação aos seus sentimentos. Ele aparecia na livraria a cada duas semanas e usava todo o seu charme e todas as estratégias de flerte que conhecia para tentar conquistá-la, mas não parecia estar funcionando.

Por outro lado, Noah talvez tivesse lido mais livros nos últimos meses do que em toda a sua vida, o que era um bônus.

Ele provavelmente deveria ser mais direto e chamá-la para sair ou alguma coisa assim. Afinal, aquilo tinha funcionado para Logan — ele e Jeanie

estavam tão felizes juntos que chegava a ser enjoativo.

Mas no caso dele era diferente. Hazel era diferente. E Noah estava em território desconhecido.

— Uma aventura? — perguntou Hazel, arrancando-o da espiral de pensamentos a respeito da fofura dela e de sua própria falta de jeito.

— Isso. Sei lá... Talvez alguém esteja deixando pistas para você, como uma caça ao tesouro ou algo assim.

— Humm. — Hazel franziu a testa e um pequeno vinco se formou entre as sobrancelhas. — Parece improvável.

— Talvez. Mas coisas improváveis acontecem o tempo todo.

*Como você aceitar sair comigo um dia desses...*

Ele quase disse aquilo, quase a convidou, mas Hazel logo voltou para trás do balcão para registrar a venda do novo livro.

— É só isso?

— Hum... sim. Só isso.

— O total é vinte e um e noventa e cinco, por favor.

Aquilo com certeza não era tudo o que ele queria, mas Noah lhe entregou o cartão de crédito. Não havia a menor possibilidade de aquela mulher inteligente e encantadora querer sair com ele. Havia um motivo para Noah ficar com garotas que estavam na cidade apenas para passar o verão, turistas e encontros de uma noite. Ele era bom para ser uma diversão, uma aventura. Não para garotas sérias como Hazel Kelly.

Ela lhe entregou o livro e os dedos deles se esbarraram. Hazel sustentou o olhar de Noah por um breve instante, e naquele momento ele quase conseguiu acreditar que ela sentia a mesma faísca. Mas Hazel logo desviou a atenção e se despediu dele, rumando para a porta.

Garotas como Hazel Kelly não eram para ele. Ele era inteligente o bastante para saber aquilo.

Noah saiu da livraria e mergulhou no calor do dia. Era o primeiro dia ensolarado depois de um julho chuvoso, e a cidade tinha voltado ao modo verão. O verão na Nova Inglaterra era curto. Se as pessoas não mergulhassem de cabeça, acabariam não aproveitando. Embora fosse agosto, a maioria das lojas da rua principal da cidade ainda estava com as decorações de Quatro de Julho, faixas e bandeiras vermelhas, brancas e

azuis. O verão sempre fora a estação favorita de Noah. Verão significava praia, sorvetes sem fim e férias. Liberdade. Ele nunca fora bom na escola. Era tempo demais sentado, e Noah nunca tinha sido bom em ficar sentado. Ou em passar muito tempo em um só lugar. Depois que saiu da casa dos pais, não havia passado mais de um ou dois meses no mesmo lugar, arrumando as coisas e indo embora assim que ficava entediado. Mas algo em Dream Harbor o deixara com vontade de ficar. Ao menos por enquanto.

Noah pensou em dar uma parada no Café Pumpkin Spice para tomar um chá gelado, mas estava exausto e só queria chegar em casa e tirar um cochilo. A primeira saída de barco do dia o obrigara a acordar às quatro, e ele havia passado a manhã ensinando um grupo de playboys da cidade a pescar. Infelizmente, a maior parte dos rendimentos de Noah vinha de caras que não sabiam nada sobre mar, barcos ou peixes, e era a função dele levar aqueles caras em um passeio e fazer com que fossem embora achando que entendiam de tudo.

A verdade era que Noah fazia a maior parte do trabalho: se certificava de que os peixes fossem pescados, limpos e embalados para serem levados para casa, enquanto os caras ficavam bêbados. Mas pagava as contas, e ele podia estar sempre no mar, então não era um mau negócio.

E era melhor do que assumir o império de frutos do mar da família em North Shore. De qualquer forma, as irmãs eram muito melhores em administrar os negócios — ele não precisava estar por perto para saber que era verdade, mesmo que ainda se sentisse culpado por ter ido embora. Mas tinha menos a ver com os negócios e mais com as pessoas. Noah também sabia disso, só não queria lidar com a situação.

Ele não levava jeito para administrar um negócio. Ao menos não um tão grande. Ao longo dos anos, seus pais tinham transformado o pequeno comércio de pesca em uma empresa multimilionária, que fornecia frutos do mar para centenas de restaurantes em todo o país. Depois que os pais dele se aposentaram, as irmãs mais velhas tinham assumido como CEO e CFO. E Noah fugira.

Ele enxugou o suor da testa enquanto caminhava, sendo tomado pela já conhecida onda de culpa e vergonha. Chega uma hora em que a pessoa já

decepcionou tanto a própria família que o melhor a fazer é cair fora, e Noah tinha atingido a sua cota bem cedo na vida.

Além disso, ele conseguia lidar com os pequenos passeios de pesca. Podia agendá-los e executá-los sozinho. E aquilo significava que ninguém iria se decepcionar quando o empreendimento inevitavelmente afundasse. Era muito mais simples assim.

Noah continuou caminhando pela cidade, pensando que provavelmente deveria ligar para as irmãs. Também estava pensando em Hazel e em quantos passeios havia agendado para o resto da semana, deixando a mente pular de um assunto para outro enquanto andava, aos poucos deixando de lado as lembranças dos erros do passado.

Quando avistou a casa, os pensamentos de Noah voltaram para Hazel e para aquele livro que ela estava lendo... Será que ela gostava de caras com barcos? Porque, por acaso, ele era um cara com um barco. No fim das contas, talvez devesse, sim, convidá-la para sair.

Noah começou a descer a costa rochosa. Antes havia uma trilha da estrada até a praia, mas havia se desgastado ao longo dos anos, por isso era preciso escalar algumas pedras grandes e pedaços de concreto para chegar à areia. Mas Noah não se importava. A praia a alguns quilômetros da estrada tinha um acesso muito melhor e deveria estar lotada em um dia como aquele, mas ali estava tranquilo.

Ele tirou os sapatos quando chegou e cravou os pés na areia, se acalmando na mesma hora.

Quando desembarcara em Dream Harbor alguns anos antes, Noah vivera no barco por um tempo até encontrar antigas cabanas de pescadores em um trecho esquecido da praia. Ele teve certeza de que, se alguém as reformasse, elas seriam excelentes propriedades para aluguel de temporada. E foi exatamente o que ele começou a fazer com uma delas, como um pequeno projeto paralelo, cerca de um ano antes, meio que esperando que alguém aparecesse e dissesse que ele não podia fazer aquilo. Mas, até o momento, ninguém falara nada.

Então ele passara a acampar ali em segredo. Ainda ficava a maior parte do tempo no apartamento acima do pub do Mac — e, até onde os moradores curiosos da cidade sabiam, aquele apartamento era o seu lar. Algum dia,

Noah contaria sua ideia ao prefeito Kelly e tentaria comprar aquelas cabanas velhas. Talvez.

Ou talvez fosse só uma ideia idiota. Afinal, não seria a primeira.

Ou talvez ele fosse preso por ocupação ilegal. Não fazia ideia. Mas, por ora, gostava dali. Noah abriu a porta da cabana e entrou no interior fresco. A brisa do mar que vinha das janelas da frente mantinha a temperatura agradável mesmo em dias quentes como aquele. Seria preciso um isolamento melhor se alguém quisesse ficar ali durante o inverno, mas Noah já havia consertado o telhado e colocado um novo piso. Felizmente, passara a infância seguindo o avô para todo lado, fazendo um milhão de perguntas. E todos os truques e dicas enfim tinham sido úteis.

A casa devia ter cerca de quarenta metros quadrados, mas contava com uma cozinha e uma cama queen-size — e um banheiro com encanamento questionável, mais velho do que Noah.

Ele jogou o livro novo na cama e pegou uma cerveja gelada dentro da caixa térmica que mantinha na cozinha. Eletricidade era a outra questão, além do encanamento, que não havia conseguido resolver sozinho, por isso ainda estava se virando como dava, mas era tão tranquilo ali que ele não se importava. O som das ondas quebrando preenchia a cabana e Noah sabia que dormiria antes mesmo de abrir o livro.

Ele se esticou no colchão que estava usando como cama e tomou um gole da bebida, deixando Hazel invadir seus pensamentos novamente. O que ela pensaria a respeito daquela cabana e da ideia dele? Será que acharia tudo um absurdo? Noah não teve muito tempo para pensar nisso antes de adormecer e sonhar que capturava certa livreira e a levava embora em seu barco.

## CAPÍTULO TRÊS

---

Outro livro torto na prateleira. E virado para trás. Hazel se recusava a olhar para ele. Não era nada de mais. Era apenas um livro que algum cliente tinha guardado de qualquer jeito. Acontecia o tempo todo.

Alex cuidaria daquilo mais tarde, quando chegasse para seu turno. Hazel tinha coisas mais importantes a fazer, como encomendar os exemplares do mês seguinte e agendar os eventos de setembro com autores. Afinal, ela era a gerente de operações. Poderia deixar a arrumação para Alex ou Lyndsay, ou para a assistente recém-contratada que ia aos domingos, ou para literalmente qualquer outra pessoa, menos ela.

*Inferno.* Estava olhando para o livro de novo.

Fazia dois dias desde o incidente do livro torto, e Hazel tinha oficialmente decidido que era só uma coincidência estranha que com certeza não tinha nada a ver com ela e não voltaria a acontecer. Mas ali estava. De novo.

Alguém estava pregando uma peça nela.

De repente, a lembrança do momento em que Noah ficara todo animado, achando que talvez fosse uma pista, passou por sua mente. Ela descartara a ideia na mesma hora. Sem nem sequer pensar a respeito. Ele tinha ficado tão decepcionado que seu rosto bonito se fechara.

Hazel se sentira mal com aquilo, mas pistas, sério? Era absurdo demais. E só porque tinha se deixado levar pelos próprios pensamentos — e então Noah entrara com aquela beleza desconcertante —, não significava que mensagens secretas haviam começado a surgir em seus livros do nada. Porque aquilo seria loucura.

Hazel tamborilou com os dedos no balcão. Mais um dia sem movimento. As pessoas não liam no verão? Ela endireitou os marcadores já organizados e tomou um gole de chá.

*Inferno.*

Hazel marchou até a seção de romance para ajeitar o livro e quem sabe até esbravejar com ele, porque estava a fim de bancar a louca naquele dia. Tirou-o da

estante e encontrou uma página com o cantinho dobrado, assim como no outro. Não poderia colocá-lo de volta na prateleira se também estivesse com algum trecho destacado. Não venderia um livro danificado.

Tinha que checar.

*Os mirtilos explodiram em sua boca — ácidos e de sabor intenso. Tinham gosto de verão e de novos começos.*

Hazel foi imediatamente transportada de volta à época em que colhia mirtilos quando era criança, à doce explosão das frutas em sua língua, à forma como inspecionava os arbustos em busca de frutos maduros e ao sorvete que o pai comprava para ela no caminho para casa. Ela fechou os olhos e se encostou na prateleira. Quando tinha sido a última vez que colhera mirtilos?

— Cochilando no trabalho?

Hazel abriu os olhos ao som da voz provocadora de Annie. Precisava parar de ser flagrada fazendo coisas estranhas na seção de romance. Ela empurrou o maldito livro de volta para a prateleira e se virou para cumprimentar as amigas.

— Não, é claro que não.

— Trouxemos almoço pra você — disse Annie, já se sentando em sua cadeira favorita perto da janela.

— E um chá gelado.

Jeanie estendeu a bebida e Hazel aceitou, feliz pela distração.

— Obrigada.

— Tá tudo bem? — perguntou Annie, o rabo de cavalo loiro caindo por cima do ombro quando ela inclinou a cabeça para examinar Hazel.

Elas eram amigas desde que a família de Hazel se mudara para a cidade, quando ela estava no nono ano, e Annie a conhecia bem demais.

— Sim. Tudo ótimo.

Hazel pegou a outra metade do sanduíche de Annie e se sentou em frente a ela, tirou os sapatos e enfiou os pés debaixo do corpo. Normalmente, teria insistido para que comessem na sala dos fundos, mas a loja estava vazia, então não fazia diferença.

— Tem certeza? Você tá meio esquisita.

— Você tá meio esquisita.

Annie mostrou a língua, e Jeanie riu.

— O calor sempre deixa ela mal-humorada — sussurrou Annie para Jeanie, como se Hazel não pudesse ouvi-la.

— O calor não me deixa mal-humorada. Eu só não curto muito.

— Hazel odeia sol. Parece uma vampira.

— Não pareço, não! Só prefiro ficar em casa. Eu sou uma daquelas gatas que não saem para a rua.

Jeanie riu de novo, o olhar indo rapidamente de uma amiga para a outra.

— Bem, já que você é uma gata caseira, talvez não queira vir, mas convenci o Logan a acender uma fogueira enorme hoje à noite.

— Uma fogueira enorme?

— Ou uma pequenininha, sei lá. Mas vamos ter *s'mores*!

— E bebida? — perguntou Annie.

— E bebida.

— Ótimo, tô dentro. E você, gatinha caseira? Acha que consegue ficar ao ar livre por algumas horas para se divertir com seus amigos?

Annie estava só brincando, mas suas palavras a atingiram em cheio. As amigas de Hazel achavam mesmo que ela não conseguia tolerar nem uma reuniãozinha ao redor de uma fogueira?

Ela respondeu, carrancuda:

— É claro que consigo.

— Perfeito!

Jeanie bateu palmas, empolgada, e Hazel se deu conta do que encontraria por lá: mosquitos, fumaça e sujeira. E provavelmente Noah, afinal, ele era amigo de Logan. Ela sentiu um frio na barriga preocupante quando pensou no pescador.

Inferno.

Tarde demais para voltar atrás. Jeanie já estava guardando o resto do sanduíche e saindo apressada.

— Tenho que ir. Deixei Crystal sozinha na correria da hora do almoço, mas vejo vocês mais tarde. Lá pelas oito!

Hazel assentiu meio desanimada antes de voltar a encontrar o olhar de Annie. A melhor amiga levantou uma sobrancelha loira.

— Você tem certeza de que tá bem?

Hazel soltou um longo suspiro. Ela não estava bem. Estava tendo uma espécie de crise de meia-idade. Ou crise dos trinta? Aquilo existia? De qualquer forma, estava considerando a hipótese de sair em uma caça ao tesouro, inspirada por uma pessoa que danificava livros pela cidade, só para ter a sensação de que fez algo interessante antes de seu trigésimo aniversário. Nada daquilo se parecia com “estar bem”, mas Hazel ainda não queria contar para Annie.

— Aham. Eu tô bem. Só um pouco preocupada com o movimento da loja.

Annie olhou ao redor do estabelecimento vazio.

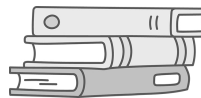
— Eu não me preocuparia muito, Haze. As pessoas só estão um pouco animadas depois desse julho longo e chuvoso. Os clientes vão voltar.

Hazel assentiu.

— É verdade, você tá certa.

Annie sorriu e passou um biscoito recém-assado para a amiga. Uma oferta de paz.

Elas terminaram de comer em um silêncio confortável, mas a atenção de Hazel continuava a voltar para o livro que encontrara torto na estante, para os mirtilos e para o resto do verão que se estendia à sua frente — nebuloso, quente e cheio de possibilidades.



Hazel já havia sido picada por nada menos do que quinze mosquitos e não importava onde se sentasse ao redor do fogo, a fumaça parecia soprar no seu rosto. Ela segurava uma cerveja morna em uma das mãos e um *s'more* queimado na outra. Estava fingindo estar se divertindo.

Não estava se divertindo.

E Noah tinha acabado de chegar, todo bronzeado e cheio de sardas, o que fez Hazel voltar a sentir aquele frio na barriga esquisito.

— Oi, pessoal.

Ele os cumprimentou com um aceno e todos disseram oi. Hazel estava entre Annie e Jacob, do clube do livro — os dois sentados em cadeiras dobráveis, enquanto ela acabara em uma cadeira velha da cozinha que tinha certeza de que iria quebrar a qualquer momento. George, da confeitaria, também estava ali, de pé, com uma cerveja na mão, enquanto tostava um marshmallow. Isabel, a outra amiga de Jeanie do clube do livro, tinha se afastado do grupo para ligar para casa e se certificar de que as crianças já estavam dormindo. Todos pareciam felizes e relaxados. Ninguém mais dava a impressão de estar sendo comido vivo.

Logan cuidava do fogo com mais concentração do que Hazel achava necessário, mas até ele parecia estar aproveitando. Annie estava certa. O verão deixava Hazel mal-humorada.

— Oi, Noah! — cumprimentou Jeanie com um abraço antes que ele pegasse uma cerveja do cooler e se juntasse ao resto do grupo. — Estou tão feliz por você

ter vindo!

— Ah, sim, claro. Eu faria praticamente qualquer coisa por um *s'more*.

Hazel pensou que estava protegida pelas sombras, mas de alguma forma o olhar de Noah encontrou o dela e sua boca se curvou naquele sorriso enigmático. Ela desviou os olhos e se concentrou no *s'more* em sua mão — que estava muito gostoso, apesar do sabor carbonizado. Quando Hazel voltou a levantar a cabeça, viu que Noah a observava lambe o marshmallow dos dedos.

— Ei, Noah, eu queria te perguntar uma coisa.

Felizmente, a voz de Annie desviou a atenção dele dos dedos de Hazel, porque ela estava prestes a ficar tão derretida quanto o marshmallow.

— Sim?

Ele levantou uma sobrancelha e sorriu daquele jeito que ele sempre fazia quando estava se divertindo com alguma coisa. Hazel fixou os olhos nos dedos grudentos.

— Como é que você nunca fica fedendo?

Jacob soltou uma gargalhada.

— Que tipo de pergunta é essa, Annie?

— O homem passa o dia todo em um barco de pesca fedorento e eu nunca senti cheiro de peixe nele!

— Então você tá acusando o Noah de mentir sobre o que ele faz o dia todo?

— perguntou Jacob, dando um gole na cerveja.

Annie deu de ombros.

— Não sei, não... acho meio suspeito.

Noah riu.

— Tomar banho funciona que é uma maravilha.

Annie semicerrou os olhos, examinando-o com atenção.

— Você deve usar um sabonete bem poderoso.

— Eu esfrego com vontade.

Ele piscou para ela e Annie riu. Na verdade, todo mundo estava rindo. Menos Hazel, que se esforçava para não imaginar Noah sem roupa e ensaboado se esfregando no chuveiro.

— O que eu perdi? — perguntou Isabel, voltando para o círculo iluminado pelo fogo.

— Estamos só discutindo os hábitos de higiene do Noah.

Annie indicou Noah com a garrafa de cerveja e ele estendeu os braços como se quisesse deixar Isabel admirar sua limpeza. Ela não pareceu impressionada, o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma livraria com aroma de canela" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).